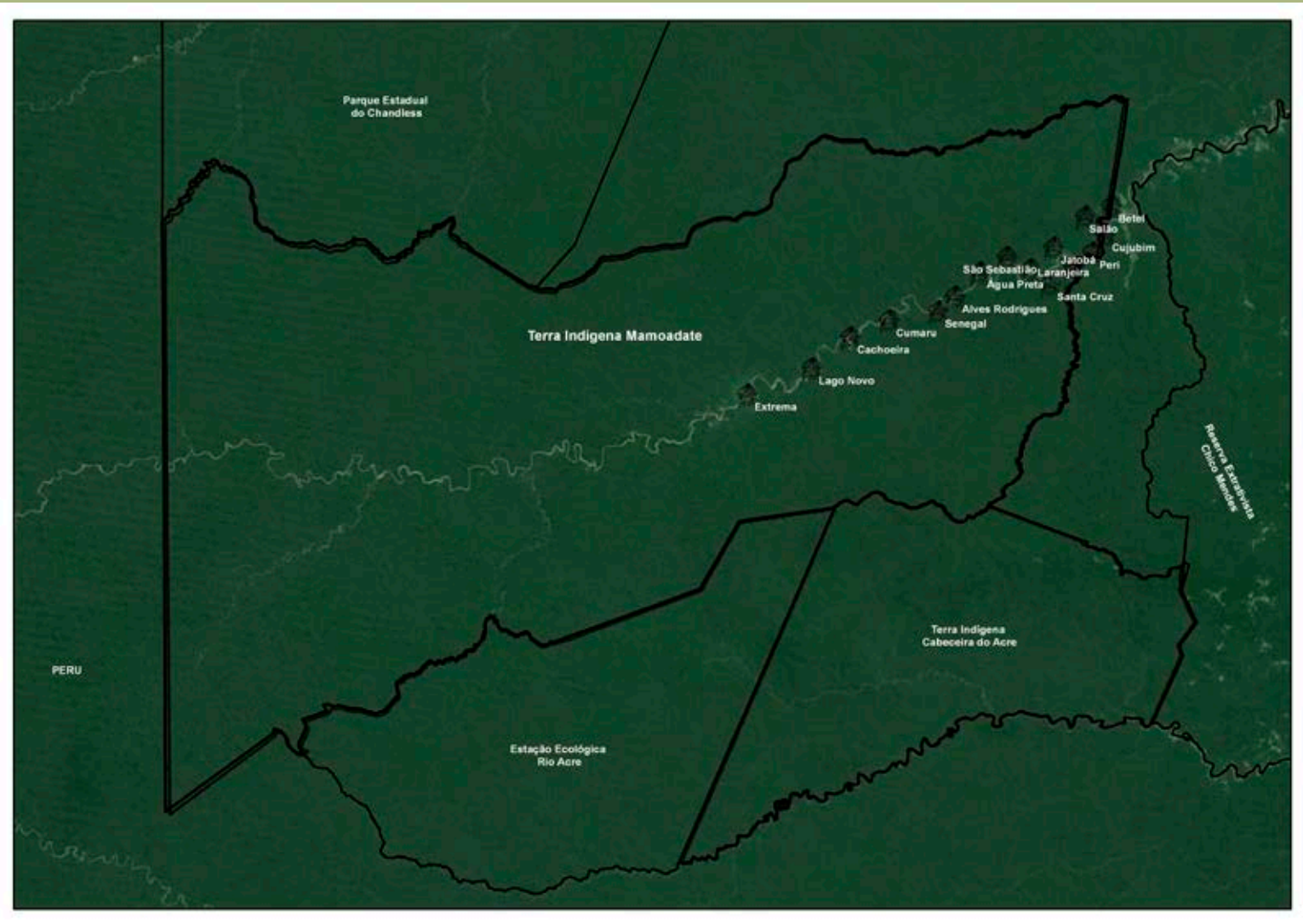


Plano de Gestão Territorial e Ambiental Jaminawa e Manchineri para a Terra Indígena Mamoadate





Plano de Gestão Territorial e Ambiental Jaminawa e Manchineri para a Terra Indígena Mamoadate



REALIZAÇÃO

MAPKAHA

Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene

OCAEJ

Organização Comunitária Agroextrativista Jaminawa



APOIO



Ministério do
Meio Ambiente



Plano de Gestão Territorial e Ambiental Jaminawa e Manchineri para a Terra Indígena Mamoadate



AMAAIAC | CPI/AC
Rio Branco - 2016

REALIZAÇÃO	Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene – MAPKAHA
	Organização Comunitária Agroextrativista Jaminawa – OCAEJ
Assessorias técnicas nas oficinas de Etnomapeamento	Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre – AMAAIAC <i>www.amaaiac.org.br</i>
	Comissão Pró-Índio do Acre – CPI/AC Est. Transacreana, Km 8 – cx. Postal 61 CEP 69.900-970 – Rio Branco – Acre Fone: (68) 3225-1952 email: <i>cpi@cpiacre.org.br</i> <i>www.facebook.com/comissaoproindiodoacre</i> <i>wwwcpiacre.org.br</i>
Mapas georreferenciados	Direitos Autorais
	© <i>Copyright 2015 - Todos os direitos reservados a</i> Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene – MAPKAHA Organização Comunitária Agroextrativista Jaminawa – OCAEJ
Projeto gráfico, capa e diagramação	Organização e Edição
	Maria Inês de Almeida
Revisão	Coordenação das oficinas nas aldeias Peri e Cachoeira
	Lucas Brasil Manxineru
Fotos	Coordenação da oficina na aldeia Betel
	Josemar Barreto Mariano Jaminawa
<hr/>	
Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Nukini / organização e edição Renato Antonio Gavazzi. – Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, 2015. 69 p. : Il. col. , 23x18 cm. ISBN: 978-85-64018-05-1	
Índios da América do Sul - Brasil. 2. Terra Indígena Nukini. 3. Etnomapeamento - Gestão territorial e ambiental. 4. Recursos naturais – Uso – Manejo – Conservação. I. Título. CDD - 912.81	
<hr/>	
Biblioteca: Maria do Socorro de O. Cordeiro. – CRB-11/667	

Sumário	
<hr/>	
Apresentação pelos Jaminawa	7
Apresentação pelos Manchineri	11
Plano de Gestão Jaminawa e Manxineru para a Terra Indígena Mamoadate	
<hr/>	
Revisão de limites da Terra Indígena Mamoadate	17
Ameaças do entorno	21
Vigilância e Monitoramento da Terra Indígena	23
Nossa relação com os Yine/Manxineru Hosha Hajene e Tsapanawa	27
Transporte	29
Cultura	31
Educação Escolar	35
Saúde	43
Saúde Ambiental: Lixo e Saneamento Básico	47
Recursos Florestais e Florísticos	53
Plantios Agroflorestais	59
Roçados	63
Manejo e Criação de animais Domésticos e Silvestres	69
Caça	75
Pesca	79



Apresentação pelos Jaminawa

TERRA NOSSA MÃE NUNCA SE ACABA

Por que é mesmo que estamos fazendo este livro?

Estamos fazendo este livro para nossa futura geração, para nossos filhos e netos que vêm nascendo. Esperamos que ele venha a contribuir com nossa política local e nacional para defesa do nosso território.

A terra é nossa mãe porque nos dá o alimento, porque vivemos nela e ela nunca se acaba. Por isso que amamos nossa terra.

Este livro pode ajudar as pessoas a respeitarem a nossa terra e também orientar nossos jovens através do seu uso na escola a conhecerem melhor nossa história, nossa cultura, nossos recursos, nossos rios e igarapés, nossa floresta, nosso plano de vida. Queremos também que ele sirva de orientação para futuras políticas públicas para nossa região e através dele as autoridades poderão conhecer e respeitar nossas reivindicações.

Ele mostra nossa política porque foi feito com a participação de todas as nossas aldeias da TI Mamoadate. Nele estão o mapeamento da nossa terra e nosso plano de gestão. Ele foi elaborado em duas oficinas, realizadas pela CPI-AC nas aldeias Peri e Betel, a partir dos trabalhos iniciados em 2005 e 2009 em parceria com a Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Acre.

Nessas oficinas foi muito importante a participação e a contribuição de algumas pessoas mais velhas e sábias de nossas comunidades: Paraíba Jaminawa, Zé Pequeno Jaminawa, Nazaré Jaminawa, Fátima Jaminawa, Natália Jaminawa, Antonio Batista Jaminawa, José Mariano Jaminawa e Francisco Pereira Jaminawa. Queremos agradecer também às lideranças e professores, agentes de saúde, agentes agroflorestais, agentes de saneamento, especialmente ao Valdo Melendres Jaminawa (liderança da aldeia Betel) e ao professor Josimar Mariano Barreto Jaminawa, responsável pela organização da oficina na aldeia Betel, que contou com a participação de representantes das nossas quatro aldeias (Betel, Salão, Cujubim e Boca do Mamoadate).

Muita gente pensa que a nossa cultura está enfraquecendo, mas nessas oficinas pudemos constatar que nossas tradições são fortes, temos nossa língua própria, nosso xikari (mariri), os velhos ainda tomam shuri (ayahuasca), nossa disa (medicina), nossa kedi (pintura tradicional), nossa caiçuma, nosso artesanato e outros costumes. E é isto que queremos mostrar com este livro para toda a sociedade.

Apresentação pelos Manchineri

Kawuki Hinkakle Pirana

Wtshijne Hishlahikowaka Piranamta

Nosso plano de gestão foi inspirado pelo conhecimento de um grande kahontshi manxineru que convivia nesta região: Kawuki. Ele conhecia a água, as plantas, os animais, os fenômenos da natureza, a terra, o universo. Para fazer este livro, nos reunimos e discutimos a situação de nossa terra, os problemas e as soluções que queremos buscar. Dessas discussões fizemos nosso plano de gestão. Ele aponta o caminho que queremos seguir e onde queremos chegar.

O plano de gestão e este livro que dele resultou dão continuidade às oficinas de etnomapeamento (de 2005 e 2009), feitas pelos Manxineru junto com a SEMA e a CPI, e depois, em 2015, em duas oficinas com a CPI, atendendo ao PNGATI.

Esperamos que este livro venha contribuir com a luta pelos nossos direitos, sobretudo em relação à nossa terra. Escrevemos ele para que todas as autoridades do governo municipal, estadual e federal e suas secretarias, e também os ruralistas, os madeireiros, e os políticos conheçam nosso plano de gestão para que eles respeitem nossa autonomia, nossos direitos e os bens da Shima Mwajnutu Tshijne (Terra Indígena Mamoadate). Esperamos também que este livro venha contribuir com a nossa escola trazendo mais conhecimento para os alunos. E que ele fortaleça a atuação de nossos agentes agroflorestais. Queremos que ele seja conhecido pelos nossos vizinhos do entorno e utilizado em suas escolas.



O livro contém mapas que vão ajudar nossas futuras gerações a conhecer melhor a nossa terra. Contém também histórias sobre os seus habitantes. Seus leitores vão perceber que valorizamos muito os nossos conhecimentos, nossa cultura e a nossa língua, e vão respeitar a riqueza do mundo manxineru.





Revisão de limites da Terra Indígena Mamoadate

Em nossa Terra Indígena Mamoadate, estamos vendo que alguns recursos naturais estão se esgotando. A população está aumentando, os parentes em “isolamento voluntário”, ou, como preferimos chamar, parentes que vivem na mata, estão entrando em nosso território. Vamos nos organizar e lutar, com o apoio do Ministério Público Federal, para que a FUNAI faça a revisão dos limites da TI Mamoadate, incluindo a área entre os igarapés Samarrã e Mamoadate, ocupada tradicionalmente por nós, Jaminawa e Manchineri.

Essa área ficou fora da TI Mamoadate por erro de identificação e delimitação, cometido pela FUNAI em 1978. Além disso, nessa ocasião, não foi levada em conta a presença dos “índios isolados”, nossos parentes que vivem na mata, que há muito compartilham a nossa terra. Sempre consideramos esse pedaço de terra como se fosse nosso. Ali nós caçamos, pescamos, coletamos frutas e palhas e colocamos os nossos roçados.



Com a ampliação da nossa terra, poderemos cuidar melhor da nossa floresta e contribuir para a proteção dos parentes que vivem na mata, pois diminuiremos a pressão sobre o uso dos recursos naturais que estão na parte de cima de nossa terra, onde andam esses parentes, acima do igarapé Abismo. Essa parte de cima de nossa terra seria uma área de refúgio da vida silvestre e espaço de segurança para os parentes que vivem na mata.





Ameaças do entorno

Uma grande ameaça que sofremos atualmente é o projeto de construção de um ramal madeireiro na fazenda Petrópolis, nos arredores de nossa terra, justamente nessa área que ocupamos há muito tempo e precisamos incorporar a nossa Terra Indígena. Esse ramal vai trazer grande impacto ambiental, diminuindo as caças, os peixes, exercendo pressão sobre o rio Iaco e seus igarapés. Vamos tomar todas as providências para que esse ramal não seja construído. Buscaremos o apoio do Ministério Público Federal, assim como de outras instituições parceiras nesta luta.

Outra ameaça é a construção da estrada entre as cidades Iñapari e Puerto Esperanza, no Peru. Apoiamos a luta dos parentes Yine do alto Madre de Dios e alto Río Las Piedras, já que essa estrada cortará as cabeceiras do rio Iaco e do Chandles.

Repudiamos a construção de novos ramais e estradas perto da Terra Indígena. Nós queremos que qualquer empreendimento do governo e de particulares, que possa impactar nossa terra, respeite a convenção 169 da OIT, que prevê a consulta prévia, livre e informa aos povos envolvidos. Assim como os art. 231 e 232 da Constituição Federal, que determinam o direito à proteção dos territórios indígenas.



Vigilância e Monitoramento da Terra Indígena

A nossa terra é rodeada por diferentes modalidades de áreas, temos a Estação Ecológica do Rio Acre, a Terra Indígena Cabeceira do Rio Acre, fazendas de pecuária e uma grande faixa de limite com o Peru.

Já houve invasões na Terra Indígena Mamoadate, mas estamos atentos e iremos trabalhar em parceria para sua proteção. Estamos planejando realizar o monitoramento permanente de nossa terra, tanto no inverno, como no verão, subindo o rio e percorrendo os limites das picadas. A reabertura de picadas vai ajudar na vigilância para saber como anda o tráfico de drogas, o roubo de fauna, flora e principalmente madeira. Durante as atividades de reavivamento de limites, queremos contar com o apoio de um helicóptero para casos de emergência. Esta atividade será conjunta, envolvendo os Jaminawa e os Manchineri.



Para proteger nosso território da invasão de narcotraficantes, madeireiros, pescadores e caçadores, resolvemos:

1. Buscar parcerias com a polícia federal, o exército, IBAMA, IMAC e outros órgãos competentes.
2. Formar nossos agentes de vigilância.
3. Reabrir picadas de demarcação da Terra Indígena Mamoadate.
4. Plantar madeira de lei (mogno, cedro, cerejeira) para servir de marco verde para os limites da Terra Indígena Mamoadate
5. Criar um calendário anual de vigilância e monitoramento da nossa terra indígena, onde iremos alternar os meses de atividade entre parentes Manchineri e Jaminawa.
6. Prender e entregar para as autoridades competentes todos os invasores ilegais, que estão ameaçando nossa floresta: narcotraficantes, madeireiros, caçadores e pescadores...



Nossa relação com os Yine/Manxineru Hosha Hajene e Tsapanawa

Vamos respeitar o direito dos parentes Yine/Manxineru Hosha Hajene (Mashco Piro) e Tsapanawa de viverem em paz na floresta.

No futuro, pode ser que os parentes de recente contato, os Tsapanawa do Xinane, sejam uma fonte de conhecimento para nosso povo Jaminawa, já que falamos a mesma língua. Queremos dar um tempo para a adaptação desses parentes, e reforçar sua proteção junto à FUNAI, antes de buscar contato com eles.

Nós, manxineru, sempre cuidamos da integridade dos parentes Yine/Manxineru Hosha Hajene, porque eles possuem conhecimentos que podemos aprender. Eles preservam muito bem os conhecimentos medicinais, espirituais e alimentares necessários para viver bem na floresta.

Vamos nos organizar para exigir mais apoio da Coordenação Geral de Índios Isolados (FUNAI) em nosso trabalho de proteção dos parentes Yine/Manxineru Hosha Hajene e Tsapanawa das mãos dos narcotraficantes, petroleiros, mineradores e principalmente madeireiros.

Decidimos compartilhar uma área da nossa terra, que fica acima do igarapé Abismo, com os parentes Yine/Manxineru Hosha Hajene.



Transporte

Nossa principal dificuldade com transporte é relativa às condições do ramal do Icuriã para Assis Brasil. Vamos continuar lutando para a manutenção e melhoramento deste ramal, garantindo a sua trafegabilidade durante todo o ano. Que a prefeitura de Assis Brasil e o governo do Estado do Acre reconheçam a grande importância de um ramal como este, que serve a dois povos indígenas e a uma reserva extrativista (Resex Chico Mendes).

A pista de pouso da aldeia Extrema deve ser reformada e reconhecida, para que os deslocamentos emergenciais possam ser feitos de avião. Precisamos de uma pista de pouso também na aldeia Jatobá, perto do posto de saúde em construção.

Para lutar pela melhoria do ramal do Icuriã, nós, Jaminawa e Machineri, decidimos:

1. Conversar e nos unir com as associações do Seringal Icuriã, da colocação Primavera, do Seringal da Divisão, da Terra Indígena Seringal Guanabara e da aldeia Boca do Riozinho da Terra Indígena Guajará.
2. Criar uma comissão dos dois povos da Terra Indígena Mamoadate e da Reserva Extrativista para buscar a melhoria do ramal do Icuriã.



Cultura

JAMINAWA

Vamos pesquisar com os mais velhos e valorizar a cultura dos nossos ancestrais para resgatar alguns usos e costumes: bebidas, kedi (pintura), tecelagem, mariri (dança), cantos, músicas e instrumentos, língua e nomes, armas de caça e pesca, transporte, trabalho, moradias e casamentos.

Pretendemos desenvolver nossas artes e buscar apoio para a venda de nossos produtos artesanais.

MANCHINERI

Vamos fortalecer a nossa cultura através do intercâmbio com os Manchineri do Peru (Yine) e do Brasil e também valorizar o conhecimento dos velhos Manchineri, trazendo-os para participar da formação dos nossos jovens na escola, registrando suas histórias, seus cantos, aprendendo suas habilidades de curar, caçar e suas cantorias, seus conhecimentos espirituais e sobre a linhagem manchineri, sua sabedoria sobre as cores e outros símbolos que representam a cultura manchineri: por exemplo,



o branco representa o coração bom, o vermelho representa o guerreiro e o preto representa o luto. Vamos continuar fortalecendo nossa língua para que as futuras gerações mantenham o seu uso como língua principal.

Queremos incentivar os jovens a usarem nossos alimentos tradicionais, como beiju, patarasca, patarasca de massa de mandioca, tacacho, hijpa (sopa) e carne moqueada.

Vamos buscar aprender e fortalecer nossos desenhos e pinturas tradicionais (yonawlu) e incentivar a produção e uso de cerâmicas, peneiras e paneiros de timbó, arumá e palhas de jarina e oricuri nas comunidades manchineri.

Achamos importante e queremos apoio para formação em produção audiovisual, para realizarmos registro de nossas expressões culturais, como cantigas, festas tradicionais e mitos, e de nossas viagens de intercâmbio. Esses produtos serão utilizados também nas escolas como forma de fortalecer a nossa cultura.



Educação Escolar

JAMINAWA

Para melhorar nossa escola vamos solicitar à secretaria de educação mais cursos de formação de professores. Tem nove professores Jaminawa fazendo o curso de magistério atualmente (dois professores da TI Cabeceira do Acre, quatro da TI Mamoadate, dois da TI Caeté e um da TI Caiapucá). Vamos pressionar a Secretaria do Estado de Educação para dar continuidade a esse curso.

Vamos fazer um calendário escolar que integre as atividades da comunidade às da escola, assim como a educação tradicional das famílias à educação escolar.

Vamos nos organizar para produzir material didático e buscar apoio para confecção de livros, filmes, CDs, cartazes, cartilhas, desenhos, calendários, jogos e etc.

MANCHINERI

Nós, manxineru, vamos valorizar nossa cultura e nosso conhecimento em sala de aula através das pesquisas, acompanhamento dos anciões, vídeos, produção de material didático, livros, DVDs e músicas.



Vamos conciliar a educação familiar manchineri com a educação escolar, de modo que a escola venha a acrescentar novos conhecimentos aos nossos tradicionais, que passarão ao mundo da escrita e da leitura, tanto na língua indígena como na língua portuguesa.

Vamos aproveitar e valorizar os conhecimentos dos pajés, buscando reconhecimento pela Secretaria de Educação por seu serviço, que é essencial para a comunidade.

Vamos exigir do governo do Estado que ele respeite a Lei de Diretrizes e Bases, de acordo com os art. 78/79, que nos dá o direito a uma educação diferenciada e específica.

Vamos lutar, junto com a OPIAC e outras organizações parceiras, para que a Secretaria de Educação faça um concurso publico específico para efetivação dos professores, criando e reconhecendo a categoria professor indígena, com os direitos trabalhistas e um plano de carreira.

Necessitamos de acompanhamento pedagógico da Secretaria de Educação para orientação dos professores na condução do nosso ensino escolar e na finalização do nosso projeto político-pedagógico. Precisamos que o governo seja parceiro na iniciativa de realizarmos oficinas de produção de material didático com os professores manchineri na Terra Indígena Mamoadate.

Queremos que a Secretaria de Educação reconheça e fortaleça o ensino médio que estamos implantando na Terra Indígena.

Vamos exigir do Estado a continuidade da formação dos professores Manchineri, tanto a formação continuada dos formados como a de novos professores. Onde houver aumento de alunos é necessária a contratação de novos professores.



Necessitamos também da formação e contratação de pessoal para realizar outros serviços na escola: merendeiras, secretárias, zeladores e outros.

Lutaremos para adquirir os equipamentos necessários para o bom funcionamento da escola: computador e internet, carteiras, mesas, lousas, giz, cadernos, papel, material de desenho, energia solar, televisão, data show, biblioteca.

Os professores Manchineri continuarão trabalhando em conjunto com os agentes agroflore-tais e os agentes saúde, para que os alunos possam aprender mais.

Nas aldeias que não tem escola é necessária sua construção com urgência. É preciso também reformar as escolas que estão em mau estado.

A merenda convencional, a merenda dos brancos, traz muitos problemas para os nossos alu-nos. Muitas vezes a merenda chega vencida, também são produtos industrializados que não estamos acostumados. A merenda do branco também traz muitas doenças e polui o nosso meio ambiente com o lixo. Queremos regionalizar a nossa merenda, pois assim teremos uma dieta indígena, valorizando a nossa culinária, além de beneficiar os nossos produtores, evitando trazer comidas que não fazem parte do nosso costume, o que não é saudável e acaba poluindo a nossa aldeia com plásticos, latas e vidro. Vamos solicitar à SEAPROF o cadastro dos produtores da terra indígena, para termos acesso ao Programa de Aquisição de Alimentos.

Para melhorar a vida das famílias, estamos precisando de capacitações em algumas áreas. Lembrando que todos os cursos devem ser para todas as aldeias, tanto as grandes como as pequenas.



Precisamos de cursos para mecânicos de motores de barco, para não dependermos das oficinas dos brancos, que cobram muito caro e as pessoas não tem dinheiro e ficam com os motores parados. Precisamos de cursos e treinamentos para a construção de barcos e canoas. Precisamos de curso de soldador e eletricista. Precisamos formar técnicos em informática para cuidar dos computadores da escola.

As empresas de telefonia responsáveis pelos telefones públicos na nossa terra indígena deveriam capacitar algumas pessoas para realizar consertos nos telefones.





Saúde

Os governos estaduais e municipais devem respeitar as leis que garantem os direitos indígenas de acesso à saúde.

Precisamos ter postos de atendimento à saúde para facilitar o atendimento às famílias de nossas comunidades. Vamos exigir da SESAI a conclusão do posto de saúde da aldeia Jatobá, que deve ter os equipamentos e profissionais indígenas e não indígenas necessários. Queremos acompanhar mais ativamente o planejamento da construção do posto de saúde na Terra Indígena Mamoadate.

Vamos exigir da prefeitura de Assis Brasil a contratação de interpretes Jaminawa e Manchineri, para facilitar a comunicação entre médicos, enfermeiras, recepcionistas e pacientes indígenas.

É necessário que as equipes da SESAI respeitem o trabalho dos pajés, parteiras e outros curadores tradicionais. As parteiras de algumas aldeias fizeram um curso, mas elas precisam de mais capacitação e materiais necessários para o seu trabalho. As parteiras devem receber pagamento pelo seu trabalho, na forma de salário.



Vamos organizar oficinas para os agentes de saúdes dentro da Terra Indígena Mamoadate, para que eles aprendam a trabalhar, sobretudo com medicina preventiva. Precisamos apoiar e buscar uma melhor formação para os conselheiros de saúde trabalharem dentro da terra indígena, junto com os agentes de saúde e com os curadores tradicionais.

É urgente que a SESAI providencie transporte de qualidade (terrestre, aéreo e fluvial) para atender a todas as necessidades dos doentes da Terra Indígena Mamoadate.



Saúde Ambiental: Lixo e Saneamento Básico

Hoje já existem vários tipos de lixo que trazemos para as nossas aldeias, resultado do contato com as cidades. Também tem os lixos que chegam com a merenda escolar e a compra que fazemos de alguns produtos industrializados, como plásticos, latas e outros. Temos que ter muitos cuidados com o lixo para não poluir o nosso meio ambiente, principalmente as nossas águas.

Em relação ao lixo devemos ter muito cuidado e orientar nossas crianças e adultos para não jogarem o lixo no rio e nos igarapés.

Vamos articular os nossos agentes de saúde, agentes de saneamento, agentes agroflorestais e professores para conscientização das comunidades no manejo do lixo.

Os lixos não orgânicos deverão ser colocados em uma fossa que deve ser construída distante das nascentes e igarapés.

Vamos adotar o costume de coletar as pilhas e baterias e devolver nos locais adequados no município de Assis Brasil.

Devemos evitar jogar restos dos animais mortos no rio para não prejudicar a qualidade da água.



Devemos estar atentos para usar água de qualidade para o nosso consumo. Os agentes de saúde, agentes agroflorestais e professores devem estar sempre orientando as famílias da comunidade sobre o uso de água de maneira correta, para evitar doenças. Um ponto importante é ter poços artesianos nas aldeias que necessitam, garantindo a boa qualidade da água.

Vamos fazer o melhoramento das nossas cacimbas e cuidar de nossos olhos d'água com ajuda e orientação dos nossos AISAN.

JAMINAWA

Para melhorar a qualidade da água, vamos construir poços artesianos nas aldeias Salão, Cujubim e Boca do Mamoadate. Para isso, buscaremos a parceria do governo estadual e federal (SESAI).

Vamos lutar para a contratação de agente de saneamento (AISAN) para todas as aldeias Jaminawa.

Vamos valorizar o conhecimento de nossos kushuitiya (xamãs) e disaya (médicos tradicionais, curadores com plantas) de modo que nossos agentes de saúde trabalhem em conjunto com eles.

MANXINERU

Nossos agentes de saúde e agentes de saneamento Manchineri vão trabalhar em conjunto com os pajés, parteiras e outros conhecedores das plantas medicinais e medicina tradicional. Os agentes de saúde vão assim vão valorizar a medicina tradicional.



Queremos fazer um livro em língua manchineri sobre as medicinas tradicionais para usar nas escolas e para que as futuras gerações possam ter esse conhecimento.

Vamos valorizar o trabalho dos pajés, parteiras e outras pessoas que trabalham com a medicina tradicional e são reconhecidas pela comunidade.

Sempre vamos valorizar o pré-natal tradicional do povo manchineri. Durante a gravidez as mulheres Manchineri não podem comer asas, nem a parte “dos quartos” dos animais. Tem outras comidas também que não se pode comer. Também temos nosso ultrassom tradicional. É melhor ter o parto tradicional do que ir para o hospital, mas para isso é importante ter o acompanhamento do pajé, para não ter nenhum problema.



Recursos Florestais e Florísticos

Com a ajuda dos nossos agentes agroflorestais, queremos fazer um bom manejo de nossos recursos florestais, de modo que tenhamos nossas palheiras, paxiúbas, frutíferas, madeiras roliças e de lei, perto de nossas aldeias. Para que isso aconteça, precisamos de parcerias e do apoio da CPI/AC e da AMAAIAC, principalmente na formação desses agentes.

Vamos coletar sementes e fazer mudas para o plantio de espécies de madeiras de lei, frutíferas, palheiras, etc.

Queremos aprender com nossos pajés sobre o uso das plantas medicinais e também cultivar suas espécies perto de nossas aldeias. Para isto vamos nos organizar para que, aos sábados e domingos, os interessados visitem esses velhos para aprender.

Atualmente, nas aldeias maiores e mais antigas, sentimos a falta de palheiras, este recurso está ficando muito longe. Precisamos fazer o manejo destas palmeiras, cortar as palhas sem derrubar a palheira. Também temos que plantar e explicar a importância do manejo para as pessoas da comunidade e para nossos filhos. A paxiúba também está muito distante, por isso estamos planejando



reflorestar as capoeiras perto das nossas aldeias com esta espécie. Das palhas fazemos a cobertura das nossas casas, da paxiúba fazemos o assoalho e paredes.

As frutas da mata também estão ficando muito distantes das aldeias, devido ao grande uso desses recursos ao longo do tempo, muitas vezes, com a derrubada das árvores para pegar os frutos. As frutas nativas que estão mais distantes são: Pama, Inharé, Cagaça, Patoá, Manitê, Jenipapo, Açaí, Pupunha, Sapota, Jarina, Buriti, Mão de Onça, Biribá, Cajarana, Abiu.

Devemos evitar as derrubadas de árvores frutíferas e planejar a coleta de sementes dessas espécies, que estão ficando distantes das aldeias, para o enriquecimento dos nossos sistemas agroflorestais (SAFs), quintais e capoeiras. As frutas nativas da floresta são alimentos importantes para a nossa dieta, e também para os animais que caçamos.

Queremos fazer a coleta e a comercialização de sementes de mogno, jatobá, mulateiro, cerejeira, cedro, andiroba, amarelão, freijó, canafista, samaúma e outras sementes que tenham saída comercial. Para isso, buscaremos parceria com o governo do Estado, para quem podemos vender essas sementes, para serem utilizadas em projetos de recuperação de áreas degradadas e de reflorestamento. Buscaremos também orientação da Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Acre para a elaboração do plano de manejo para extração desses recursos.

A copaíba é um recurso abundante em nossa terra e pode ser mais uma alternativa de geração de renda para algumas comunidades Manchineri. Para a exploração desse recurso buscaremos a orientação dos órgãos competentes sobre como fazer a extração e venda do óleo de copaíba para concorrer a financiamento; e apoio do governo com orientação dos órgãos competentes sobre como fazer legalmente a extração e venda do óleo.



Vamos valorizar o conhecimento dos nossos velhos sobre o uso das plantas medicinais existentes na nossa floresta e recuperar aquelas que poucas pessoas conhecem. Algumas destas plantas, que estão ficando distantes das aldeias, devemos trazer suas sementes e mudas para plantar mais próximo. Antes de colocarmos os roçados devemos pesquisar para não brocarmos onde tem muitas plantas medicinais.

Uma atividade que nós, Manchineri, gostaríamos de desenvolver na nossa terra é o reaproveitamento de madeiras, que são derrubadas na abertura de roçados novos, por ventanias na floresta, ou pela correnteza do rio no período das cheias. Para isso precisamos formar marceneiros e carpinteiros para a construção de móveis para escolas e casas, cercas, galinheiros e pontes. Queremos formar também escultores que contribuam com sua arte para a valorização da cultura manchineri.



Plantios Agroflorestais

Com as orientações dos agentes agroflorestais (AAFI), devemos implementar e enriquecer os sistemas agroflorestais (SAFs) que se encontram próximos das aldeias. Todas as aldeias devem ter um SAF bem diversificado. Buscaremos o apoio da AMAAIAC e CPI/AC para formar os AAFIs Jaminawa e Manchineri da TI Mamoadate, para que possam nos orientar e trabalhar na implantação de sistemas e quintais agroflorestais. Os agentes agroflorestais devem trabalhar em parceria com toda a comunidade: lideranças, pajés, professores, agentes de saúde, de saneamento e outros representantes de nossas aldeias.

Vamos lutar com todos os povos indígenas do Acre para o reconhecimento, por parte do Estado, dessa categoria profissional do agente agroflorestal indígena (AAFI). Nós valorizamos a profissão do AAFI e queremos que ele tenha um salário garantido. E também queremos adquirir ferramentas e equipamentos completos para seu trabalho.

É importante termos nas nossas aldeias SAFs para produzir frutas domésticas e nativas para melhorar nossa alimentação e enriquecer nossa merenda escolar. Queremos fornecer merenda às es-



colas, através do Programa de Merenda Regionalizada da Secretaria de Educação.

Precisamos que os nossos AAFIs continuem sua formação para também trazerem sementes nativas para perto das aldeias e cultivarmos frutas como cupuaçu, maracujá e outras. Com as lideranças, devemos nos organizar para fazer o enriquecimento de capoeiras com frutíferas e madeiras de lei. Nos nossos roçados e campos, queremos realizar o plantio de frutas, madeira de lei e plantas medicinais.

Os Manchineri decidimos fazer um grande plantio de castanha e seringa na nossa terra indígena. Para isso se concretizar vamos procurar a secretaria do Estado competente, para o fornecimento das mudas dessas espécies para as nossas comunidades. Vamos proteger nossas sementes tradicionais e quando buscarmos mudas e sementes de fora não serão híbridas, nem transgênicas, e que venham em quantidade suficiente para um bom plantio em cada aldeia. Também pretendemos ter uma casa para armazenar nossa produção em Assis Brasil, para que possamos vender nosso excedente de produção no município. Para isso, precisamos de parcerias da prefeitura e do governo estadual.



Roçados

JAMINAWA

Vamos fazer intercâmbio entre Jaminawa da TI Mamoadate com os parentes Tsapanawa do Xinane para recuperar sementes cultivadas tradicionalmente. Vamos também fazer trocas de sementes com outros parentes Pano.

Vamos continuar colocando roçados nas áreas de antigas capoeiras, para não derrubar a mata virgem. Decidimos não colocar roçados na beira dos rios, igarapés, igapós, lagos e olhos d'água, para preservar as matas ciliares.

Vamos continuar colocando nossos roçados na área entre os igarapés Samarrã e Mamoadate, porque lá é uma terra firme e muito boa para o cultivo de nossos legumes, e é onde a gente morava até o ano de 2001.

Vamos plantar mais algodão em nossos roçados para o desenvolvimento de nossa tecelagem.

Vamos lutar pelo apoio do governo do estado a nossos projetos para adquirir os equipamentos necessários, de boa qualidade, para nossa produção agrícola.



MANCHINERI

Quando colocar os nossos roçados, vamos respeitar as áreas de matas ciliares, deixando pelo menos 30 metros nas margens dos igarapés, rios e nascentes. A proteção dessas matas é para preservar a água e os animais que vivem nelas. Percebemos que com as derrubadas das matas ciliares, os igarapés e nascentes secam e as águas ficam muito quentes. E também nós respeitamos os espíritos das árvores grandes, por isso não as derrubamos para fazer os roçados.

Em nossos roçados, nós queremos cultivar cana-de-açúcar para produzirmos mel, rapadura e açúcar gramixó. Queremos produzir para a nossa subsistência, para a merenda escolar regionalizada e, se houver excedente de produção, para comercializar nos municípios de Sena Madureira e Assis Brasil.

Também precisamos ampliar os nossos roçados, pois queremos aumentar as nossas criações de animais domésticos, como galinha caipira, peru, ganso, pato e capote.

Vamos nos organizar para voltar a utilizar o cultivo nas praias. Tradicionalmente cultivamos nossos legumes nas praias, mas devido ao problema de criarmos animais domésticos soltos, deixamos de fazer esse cultivo. Devemos organizar as criações dos animais, de maneira que eles não tragam prejuízo para a comunidade, e recuperar as nossas sementes indígenas para o cultivo nas praias em época de verão.

Vamos organizar nossa produção através de um projeto para recebermos do governo material para a construção de cerca, de modo que nossas criações não invadam nossos roçados. Isto para que os roçados fiquem perto da aldeia, facilitando o trabalho das mulheres.

Algumas sementes utilizadas em nossos cultivos de roçados, nós já perdemos. Agora quere-



mos recuperar as sementes com os nossos parentes que vivem em outras terras, através de intercâmbios para troca e aquisição de sementes. A semente que queremos recuperar é a do amendoim.

Nós, Manchineri, estamos botando nossos roçados mais nas capoeiras, em mata bruta é muito difícil. Hoje tem capoeira suficiente para todas as famílias. Assim, estamos conservando as nossas madeiras, palhas, frutas e as caças.

Para garantir a boa alimentação em nossas aldeias, vamos buscar parcerias com os órgãos competentes para conseguir os materiais necessários para a produção de farinha, como fornos, chapas, motor, bola, enfim, o kit completo para as casas de farinha; e plantadeiras (matracas) para o plantio de milho e arroz, na quantidade de pelo menos três por aldeia.



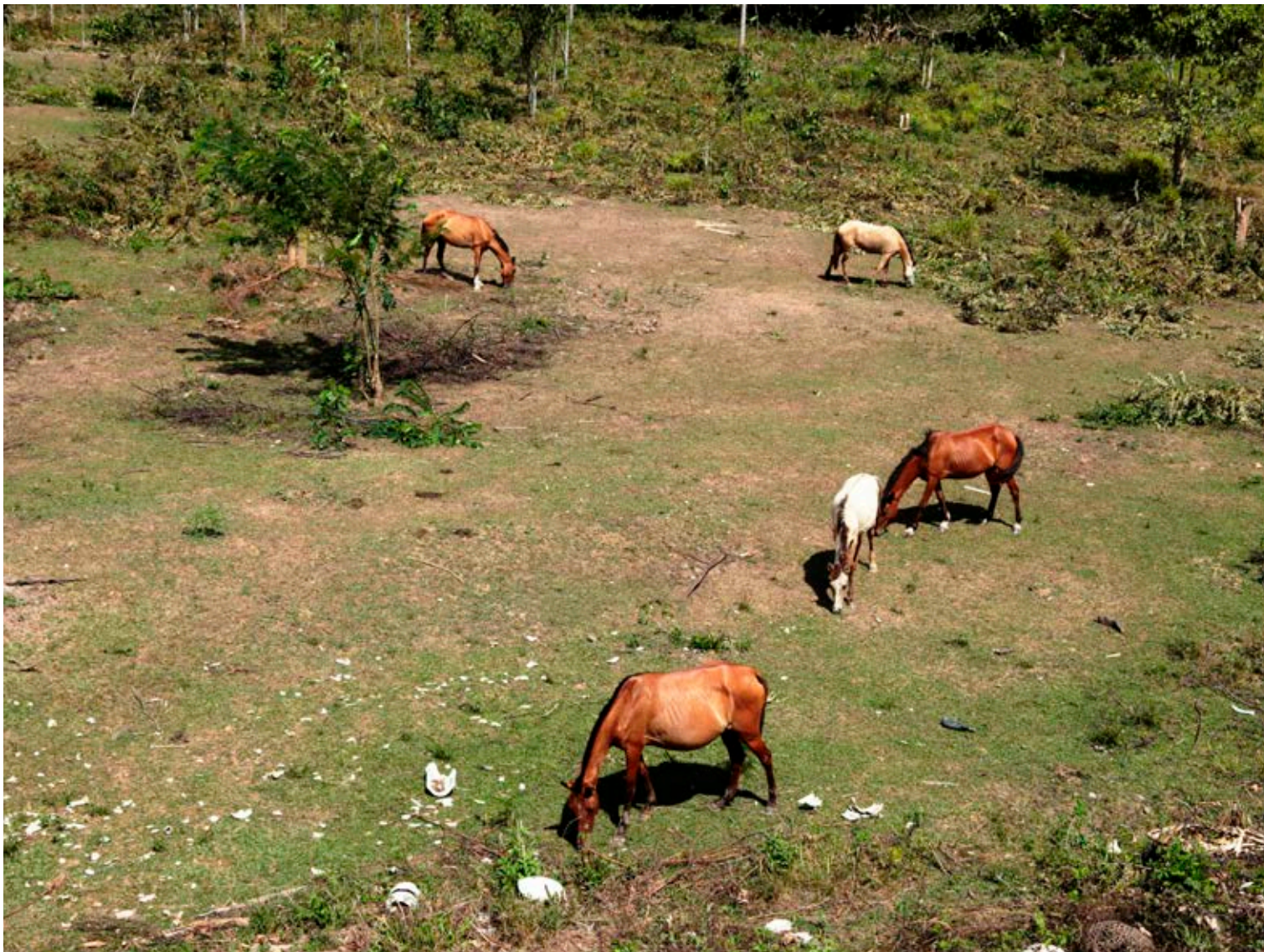
Manejo e Criação de animais Domésticos e Silvestres

JAMINAWA

Para ajudar na alimentação e diminuir a pressão sobre as caças, planejamos continuar e aumentar a criação de galinha caipira, capote, pato, marreco, ovelha, cabra, porco e criar algumas poucas cabeças de gado.

Para cuidar melhor de nossas criações, vamos investir na formação dos agentes agroflorestais Jaminawa.

Outra atividade de interesse dos Jaminawa é a criação e o manejo das abelhas nativas (melíponas), para que a gente produza mel para alimentação e também para vender. Em 2002, tivemos uma experiência que deu certo, com a criação de abelhas em todas as nossas quatro aldeias, que nos permitiu vender o mel e com isso adquirir uma peladeira de arroz e algumas cabeças de gado. Agora queremos repetir essa experiência que já deu certo nas nossas comunidades. Para tal, precisamos de apoio técnico e materiais adequados para a criação de abelhas.



Pretendemos criar quelônios em açudes a serem construídos nas aldeias Jaminawa da TI Mamoadate. Para isso vamos buscar parcerias com organizações não governamentais e com o governo do Estado. Para o manejo desses animais, contamos com o trabalho e o conhecimento dos AAFIs.

Queremos plantar frutíferas em volta dos açudes para alimentar seus peixes e quelônios.

MANCHINERI

No passado, o povo manchineri não criava gado, pois antes tinha fartura de caça e de peixe. O gado veio junto com os brancos, e hoje em dia algumas pessoas estão criando gado em suas comunidades. O gado funciona como uma caderneta de poupança. Quando precisamos de um recurso para uma emergência, o dinheiro da venda do gado sempre nos ajuda muito. Nosso gado sempre foi criado solto, sendo necessárias grandes áreas de pastagem para poucas cabeças de gado. Decidimos que só vamos permitir a criação de uma pequena quantidade de gado bovino, pelas famílias que se interessam por essa atividade. As áreas de pastagem já existentes serão divididas em áreas menores, a fim de possibilitar um melhor aproveitamento do espaço. No caso da aldeia Jatobá, o gado é criado do outro lado do rio, para não invadir os roçados e não incomodar nenhuma família.

O gado sempre tem causado conflitos internos devido à invasão de roçados, quintais, SAFs e praias, mas devemos nos organizar para evitar que estes problemas continuem. O mesmo acontece com o gado criado pelos parentes Jaminawa, que entra em nossas aldeias e perturba as famílias, agora estamos combinando para não haver mais esse tipo de problema. Buscaremos parcerias para a capa-



citação de pessoas da comunidade para o manejo adequado do gado, a melhoria das pastagens e dos recursos para criar gado cercado, em sistema de rotação de pastagens.

As ovelhas e os porcos, cada família pode criar de acordo com o seu interesse, porém os animais não podem estragar o plantio e roçados da comunidade. Esses animais são importantes para a alimentação e economia das famílias, como no caso de vender para comprar coisas que as famílias necessitam. Mas é preciso criar de forma organizada, com cercas e piquetes para pastagem, para evitar a contaminação da aldeia por esses animais, principalmente o porco, evitando assim doenças.

Para resolvermos o problema de falta de carne, precisamos buscar novas alternativas para essa produção. Queremos fortalecer a criação de aves, como galinha caipira, capote e pato, de forma organizada. Pretendemos fazer intercâmbios de experiências com nossos vizinhos e outras comunidades para conhecer outras técnicas de criação e melhorar nossa produção, procurando formas de afastar os animais predadores e tratar as doenças.

Em relação à criação de quelônios (tracajá e tartaruga) queremos capacitar pessoas responsáveis para fazer o manejo desses animais em nossas comunidades. Vamos fazer o repovoamento de lagos naturais e rios com tracajá e trazer tartarugas para iniciar a futura criação dessa espécie.

Pretendemos continuar fazendo o manejo da produção de mel, cuidando das abelhas que já existem na nossa floresta.



Caça

Para aumentar e trazer as caças para mais perto das aldeias e melhorar nossa alimentação, decidimos continuar ocupando a área entre os igarapés Mamoadate e Samarrã e lutar pelo seu reconhecimento oficial. É onde realizamos a maioria das nossas caçadas e nossos pajés encontram os remédios da mata para curar os doentes.

Decidimos não derrubar as árvores frutíferas nativas que alimentam as caças e as nossas famílias e melhorar, com a orientação dos AAFIs, nossa criação de animais domésticos, para diminuir a pressão sobre as caças.

Os Jaminawa decidimos diminuir e até mesmo acabar com as caçadas de cachorros na mata bruta. Vamos continuar caçando com cachorro apenas nos aceiros dos roçados e nas matas próximas das nossas aldeias.

Para os Manxineru, o uso do cachorro de forma organizada não atrapalha, pois caçamos com cachorro somente perto de nossas aldeias.



Vamos lutar, junto com os demais povos indígenas, para que mude a legislação para a compra e uso de munição. É preciso que os governos tenham sensibilidade para as necessidades especiais dos povos indígenas e para suas tradições alimentares.

Decidimos também não vender de carne de caça. Caçamos somente para consumo das famílias das aldeias. Só levamos carne de caça para a cidade, para servir como rancho durante a viagem.

É necessário que seja liberado o transporte de carne de caça e outras espécies (silvestres), em pouca quantidade, para nossa alimentação durante as viagens, inclusive para a cidade: jabuti, tracajá, peixe, paca, catitu, queixada, anta, macaco, mutum, jacu, cujubim, nambu, etc.



Pesca

Um grande problema para a pesca na Terra Indígena Mamoadate são os pescadores do município de Sena Madureira. Eles fecham os rios com malhadeiras na época da piracema, não deixando os peixes passarem. E nós, que estamos nas cabeceiras dos rios, somos muito prejudicados, pois os peixes não chegam para desovar. Vamos iniciar o dialogo com os pescadores de Sena Madureira, mas é necessário que os órgãos ambientais façam a fiscalização nas sedes dos municípios e nos rios, principalmente no período de piracema.

Vamos valorizar nossos lagos naturais para fazer o repovoamento dos peixes e aumentar a produção de espécies nativas da Terra Indígena Mamoadate e a criação de outras espécies Amazônicas como o pirarucu e tambaqui.

JAMINAWA

Vamos continuar controlando o cultivo e o uso de tingui nas aldeias. E vamos continuar pescando mais com tarrafas e anzol, como vimos fazendo há muito tempo.



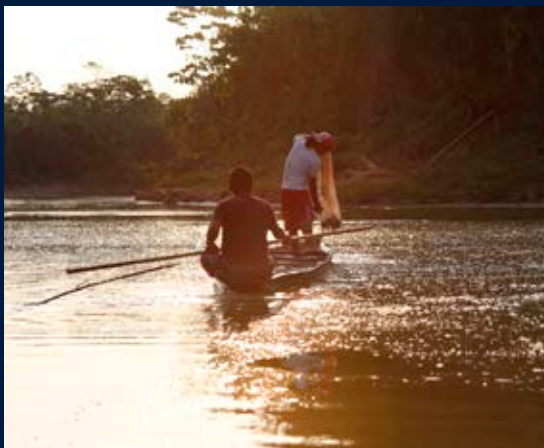
Vamos construir açudes para a criação de peixes, pelo menos um por aldeia (onde não há lago natural), com a orientação de nossos agentes agroflorestais e com apoio técnico necessário da SEAPROF.

MANCHINERI

Vamos repovoar nossos lagos naturais e igapós, com algumas espécies de peixes: curimatã, branquinha, tambaqui, piaui, bodó e outros. Buscaremos a formação técnica dos próprios Manchineri para o manejo dos peixes e o repovoamento dos lagos.

Não vamos vender peixe fora da terra indígena. Será somente para consumo das famílias das aldeias. Só levamos pequenas quantidades de peixes para a cidade, para servir como rancho durante a viagem.

Algumas regras da pesca Manxineru: não usar tingui, não mergulhar com tabaco na boca e nem passar no corpo, não pescar com tarrafa da malha bem miúda, controlar a pesca com mergulho e fisgador.



REALIZAÇÃO

MAPKAHA
Manxinerune Ptohi
Kajpaha Hajene

OCAEJ
Organização Comunitária
Agroextrativista Jaminawa



APOIO



Ministério do
Meio Ambiente

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA